

Economia já em desaquecimento

PEDRO CAFARDO

- Vai uma geladinha aí?
- Quanto é?
- Cinquenta.
- Não, obrigado.

Debaixo de um sol de quase 40 graus, esse diálogo, comum nas praias do Guarujá nas últimas semanas, é uma amostra do efeito devastador da escalada de preços sobre o consumo. Há cerveja, há demanda, mas não há consumo. Não a esse preço. Uma grande rede de supermercados importou cerveja chilena, mas elas permanecem nas prateleiras em oferta, a 29 cruzados a

lata. Garganta seca, o consumidor passa, olha o preço e vai embora. Vez por outra pega uma ou duas, para experimentar.

O caso da cerveja é certamente uma aberração de verão. Mas já há exemplos mais importantes de que a economia começa a capengar e as vendas a cair ante a alucinante elevação de preços dos últimos dois meses. O pesquisador Secches contou numa roda de amigos uma experiência pessoal. No ano passado, ele tentou sem sucesso comprar um Monza zero quilômetro. Ficou na fila e acabou até esquecendo do pedido. Mas

no começo de janeiro, Secches foi procurado por um vendedor da revendedora: "Temos aqui um Monza prateado, lindão. O senhor não quer?" Resposta do pesquisador: "Não, obrigado".

Como Secches, milhares de pessoas que no ano passado esperavam seu carro zero no sorteio do consórcio estão desistindo da compra. O carro sai, mas cadê o dinheiro para o compulsório? Há automóveis, mas não há compra. Não a esse preço.

A economia já estaria em processo de desaquecimento? Na última semana, o Estado procurou alguns

setores importantes do comércio para fazer esta pergunta. Em muitos casos, como mostram as reportagens desta página, a resposta é sim. No setor imobiliário, por exemplo, os lançamentos de edifícios residenciais caíram de forma assustadora em dezembro e, pelos dados parciais de janeiro, caminham rapidamente em direção a zero. O número de negócios realizados com imóveis é tão pequeno que o próprio Creci suspendeu temporariamente a sua tradicional pesquisa mensal sobre o preço do metro quadrado das casas e apartamentos vendidos. A amostra,

antes representativa, ficou pequena demais e a entidade não quer correr o risco de tirar conclusões com base nas informações colhidas. Está reestudando a metodologia da pesquisa.

Os sinais de desaquecimento, de fato, já são evidentes demais. Faltam ainda produtos em muitas prateleiras. Não há, por exemplo, eletrodomésticos. Mas, neste caso, trata-se claramente, de uma suspensão da oferta por parte dos fabricantes, à espera do realinhamento de preços.

Nesta véspera de pré-realinhamento oficial, portanto, é grande a

incerteza sobre o comportamento da economia nos próximos dez a doze meses. É inadiável o realinhamento, mas o efeito dos novos níveis sobre o consumo como mostram os exemplos da cerveja e do automóvel, pode ser fatal. Se a dose for exagerada e não houver uma política para baixar as taxas de juros, que também reduzem o consumo, muito antes do que se imagina estaremos de novo às voltas não apenas com a inflação mas também com a recessão. Ai, como costuma dizer o ex-ministro Delfim Netto, a única saída será sentar na sarjeta e chorar.